

Congresso Turismo do Alentejo - Incentivar privados, mostrando como se faz

O primeiro dia de trabalhos do «Congresso Internacional do turismo do Alentejo - Património do Tempo», pautou-se por um apelo à reabilitação dos centros históricos. Converte-los em elementos vivos e sustentáveis. Isto, antes «de se tornarem um problema». Um debate que se estendeu às parcerias público-privadas. Mais «relações verdadeiras» e «menos ditadas pelo Estado» foram apelos deixados à reflexão dos congressistas.

Café Portugal | sábado, 16 de Abril de 2011



O Festival Islâmico de Mértola, Alentejo, vai na quinta edição. No «I Congresso Internacional do Alentejo - Património do Tempo», a decorrer em Portalegre, a responsável da Merturis, empresa municipal que organiza a iniciativa, falou das potencialidades do evento. «O festival é visto como uma oportunidade, dando notoriedade e reconhecimento», diz Rosinda Pimenta, directora executiva da Merturis. A mesma responsável sublinhou que o desafio agora é estender o sucesso do festival mesmo depois de terminada cada edição, que é bianual.

«Percebemos que enquanto empresa municipal tínhamos de ter um carácter demonstrativo. Assim, ensaiamos pequenas actividades para mostrar aos privados o que pode fazer. Por exemplo, estamos, em conjunto com um privado, a dinamizar uma linha de merchandising para criar um espaço de venda aberto ao público. Temos também a ideia de criar uma casa de chá, ou incentivar os restaurantes a ter sempre um prato islâmico nas suas ementas. Assim conseguiríamos transmitir a mensagem de que o festival está presente todo o ano em Mértola».

Rosinda Pimenta, falava no painel «Dos Recursos aos Produtos», onde esteve também presente José António Falcão, director do departamento do Património Histórico Artístico de Beja (DPHAB). O director sublinhou também que as parceiras «público-privadas são o caminho para tirar partido do património».

José Falcão identificou ainda alguns défices que podem dificultar esta relação pública e privada. «Falta organização e parcerias verdadeiras, ou seja que não sejam impostas pelo Estado aos privados». O mesmo responsável acrescentou ainda: «Os pequenos museus, por exemplo, necessitam de outras instituições de maior dimensão que sirvam de alavanca dos mais pequenos».

Centros históricos: reabilitar e usufruir

No painel «A fruição do Património em Portugal: o estado da Arte» foi sublinhado pelos oradores que é «necessário reabilitar os centros históricos, torná-los turísticos mas, sobretudo, tirar proveito disso. Jorge Augusto, da Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico referiu: «Ou reabilitamos os centros históricos ou estes tomam-se num grave problema para as cidades». E sublinhou: «não podemos recuperar só por recuperar, temos de dar sustentabilidade aos centros históricos através de actividades de animação, através de turistas que sejam conduzidos até lá».

Um dos presentes neste painel foi Mariano Cabaço da União das Misericórdias Portuguesas que falou do aproveitamento turístico das igrejas da Misericórdia. O responsável apresentou o projecto «Viver o Património» que tem «uma componente patrimonial e social, humanizando a abordagem ao património». O projecto recorre a duas pessoas residentes em cada localidade onde está uma igreja para visitar. A particularidade prende-se com a idade destas pessoas. «Viver o Património visa abrir as igrejas das Misericórdia com recurso a pessoas idosas, em regime de voluntariado, com capacidades intelectuais para o efeito. Assim, além de mantermos activas estas pessoas de idade mais avançada, proporcionamos mais experiências ao turista porque elas têm sempre alguma história para contar».